



APLG
Associação de Professores
de Latim e Grego

BOLETIM n.º 71 ESPECIAL ANIVERSÁRIO

6 de Maio de 2023

35 ANOS (1988-2023)

Sítio da APLG: <https://aplg36.wixsite.com/aplgpt>

Facebook: <https://www.facebook.com/APLG.pt/>

e-mail da APLG: aplg.direccao@sapo.pt

e-mail do Centro de Formação da APLG: aplgclassicas@gmail.com

Apartado 4099 — 3030 - 999 Coimbra

Caros Associados,

O Boletim Especial do aniversário dos 30 anos da APLG iniciava com as seguintes palavras de Séneca *Non est uir bonus et strenuus qui laborem fugit*, encimando o texto “Balanço de três décadas de dedicação aos estudos clássicos, às línguas latina e grega”, da autoria de Isaltina Martins, presidente da direção da APLG (desde 1998 a 2018) e diretora do seu Centro de Formação (de 2018 a março de 2023). Percorrendo-o, viajava-se no tempo e era construída uma visão diacrónica de momentos-chave da história de um sonho de professores que teimou e conseguiu criar a APLG, “resultado da vontade, do amor aos Estudos Clássicos” como refere a autora. Como ela, recordo o nome dos que assinaram a escritura a 6 de maio de 1988 – “José Ribeiro Saraiva, José António Camelo, Maria Leonor Sardinha e José Barata António”; e dos que, então, reuniam, percorriam escolas, dinamizavam ações de formação, apresentavam a Associação, tratavam questões didáticas, propunham novas metodologias de ensino das línguas clássicas, como as entusiastas Maria Teresa Freire e a própria Isaltina Martins e, ainda, João Soares, entre outros. Nessa viagem temporal, evidencia a renovação dos Estatutos, em 1998, e as eleições, com novos corpos sociais, com a seguinte composição: Mesa da Assembleia Geral – José António Camelo, Maria Leonor Sardinha e Maria da Graça Pinho da Cruz; Conselho Fiscal - João Soares, Marta Pena e Lígia Domingues; Direção – Isaltina Martins; Maria Teresa Geraldês Freire, Ana Bela Carvalho, Maria Margarida Brandão Gomes da Silva, Maria Glória Cunha e Maria Manuela Nogueira.

Nesse mesmo Boletim Especial, um texto de Maria Teresa Geraldês Freire, intitulado “Trinta Anos”, é um testemunho de entusiasmo e amor, essencialmente às línguas clássicas e à

profissão de professor, e a sua dedicação e a de outros colegas à “nossa Associação”, não obstante decisões curriculares que alteraram o percurso de alunos, por exemplo, deixando o Latim de ser disciplina de opção para alunos de Ciências Sociais e Humanas.

Ainda nessa publicação, eu, associada n.º 17, apresentei um texto “A APLG - Percursos ao Encontro do Futuro”. Era, então, vice-presidente da APLG. Evidenciei dois eixos estruturantes da APLG: a promoção do património comum da Europa e a luta pelo lugar que merece no sistema educativo em Portugal. Atrevi-me a comparar a demanda da Associação a Vasco da Gama, realçando o facto de aquela se ter aventurado “há 30 anos a desvendar e a desbravar caminhos, não à procura de império material, mas cultural e linguístico, que fosse ao encontro de necessidades dos seus associados, professores de Latim e Grego, e acérrimos defensores das mesmas e do seu património cultural”. Ainda num jogo comparativo, destaquei a persistência e a aplicação na sua rota dos “princípios orientadores elencados nos seus Estatutos” que, “como o nauta quinhentista, encontrou, no Ministério da Educação e nos seus serviços, o rei de Melinde que ousou ouvir a sua história, os seus desejos, as suas reivindicações”. Não olvidei a menção de propósitos não conseguidos junto da Tutela, mas, em contraponto, deixei a esperança do merecido “prémio” (recordando a dádiva levada por Vénus aos mancebos portugueses - a ilha dos amores), a contemplação em documentos legais do Latim A como disciplina obrigatória no Curso de Línguas e Humanidades (para 10.º e 11.º anos) e da criação de uma disciplina intitulada Latim C (para o 12.º ano, a funcionar como iniciação). No entanto, ficou a ressalva: “Apesar de persistente no seu trabalho e dedicação, a APLG prefere, obviamente, não ter de ser Sísifo e, de cada vez que a Educação segue novos rumos, ter de reiniciar a subida da encosta, em prol da defesa do que deve ser óbvio para um cidadão do séc. XXI – a educação humanística assente na primazia da educação no saber, no ser e no estar”. Depois de citar palavras de Josep Garrido¹ e de mencionar o *Curso de Especialização em Humanidades: Para Entender o Século XXI*, oferecido pela Unisinos (Universidade do Vale do Rio dos Sinos), terminei o meu depoimento de classicista, com os seguintes propósitos:

“Será, então, tempo de investir na escola como espaço privilegiado de encontros de culturas, de pessoas, de línguas, sendo, obrigatoriamente, um espaço de diálogo, aprendizagem e trabalho colaborativo. E nada melhor do que estes Estudos para compreensão das raízes e da estrutura das línguas românicas, entre as quais se encontra a Língua Portuguesa. Sabe-se que o conhecimento do Latim conduz a maior competência linguística, desenvolve e aprofunda o

¹ Garrido, J. M. H (1997), “Utinam Hic Scholam Sic Habeamus” in *Estudios Clásicos* 112, Tomo XXXIX. Madrid, 137-141.

raciocínio lógico, aumenta a capacidade de concentração, proporciona maior agilidade mental e é a verdadeira língua universal dos europeus. (...) Por isso ensejamos que a APLG continue a educar e a cuidar: binómio necessário para uma educação humanista e em diálogo com o passado, neste presente, logo futuro! E, dada a sua vertente formativa, agora já acreditada, que continue a formar professores de sucesso neste século que se quer que o seja também!”.

Estamos em 2023, cinco anos depois, os propósitos são brados que deixamos, defendemos e assumimos como verdadeiros alicerces de uma correta educação. A prometida “Ilha dos Amores”, que vislumbrávamos no horizonte e ambicionávamos, afastou-se do sistema educativo em Portugal... Porém, apesar de continuarmos a ser ouvidos pelo rei de Melinde, tal como súbditos, opinamos, mas não decidimos. Vitórias conseguidas – algumas: as disciplinas de Latim A, Latim B e Grego são opções transversais a todos os cursos científico-humanísticos do Ensino Secundário (Portaria n.º 226-A/2018 de 7 de agosto, Diário da República, 1.ª série — N.º 151); foi protagonista na elaboração das Aprendizagens Essenciais dessas mesmas disciplinas; a disciplina oferta de Escola - Introdução à Cultura e às Línguas Clássicas – continua em vigor; a APLG tem dinamizado sessões para alunos nos diversos ciclos de ensino, quer à distância, quer presencialmente; envolve-se nas dinâmicas interassociações enquanto membro organizador e participante; faz-se ouvir no Conselho de Educação; tem assento no IAVE como Conselheiro do Conselho Científico; é também Conselheiro no Conselho Geral do Agrupamento de Escolas Rainha Santa Isabel – Coimbra, como entidade local cooptante. Como Centro de Formação da APLG, tem trabalhado com professores de todos os grupos de recrutamento do país (continente e ilhas).

Para finalizar, deixo o meu mais profundo agradecimento a todos os que contribuíram e contribuem para o papel que a APLG e o seu Centro de Formação tiveram e têm na Educação, quer elementos dos órgãos sociais, quer formadores, quer formandos, quer alunos, quer entidades. Todavia não posso terminar sem demonstrar a minha infinita gratidão à Mestre Isaltina Martins – orientadora de estágio em 1990-1991, colega ao longo dos anos, parceira de trabalho cooperativo e colaborativo, amiga! *Gratissima sum, Magistra!*

Que o título do evento de hoje “2023: 35 anos da APLG - A Caminho dos Futuros” seja semente de mais anos na defesa de ideais clássicos e humanísticos!

Que eu saiba honrar os papéis que me foram confiados (direção da APLG, desde 2019 e diretora do seu Centro de Formação, desde março de 2023)!

Célia Mafalda Oliveira

SER PROFESSOR — ontem e hoje

As palavras têm a sua história, uma raiz que as define e identifica. Assim, “professor”, do latim “professor”, relacionado com o verbo que significa “declarar”, “confessar algo”, é “aquele que se entrega”, “o que cultiva”, uma arte. E o professor cultiva a arte de ensinar, ele é o “docente”, de *docere*, verbo que tem a ideia de “mostrar”, “fazer ver”, daí “instruir”, “ensinar”. No seu *Dictionnaire etymologique de la langue latine*, Ernout explica-nos que, pela sua etimologia, *docere* significa “fazer aprender”, e relaciona-se com o adjectivo *docilis* aquele que “está disposto a aprender”, “dócil”, mas que pode também ser usado com a acepção negativa de “fácil de manejar”.

Conceitos, formas diferentes de ver, mas sempre a mesma missão: educar, ensinar, obrigação dos mais velhos para com os mais novos, “mostrar” o mundo aos que chegaram depois de nós, conduzi-los no conhecimento e na aprendizagem, no aperfeiçoamento do que é ser Humano.

Educação e ensino estavam, em tempos imemoriais, sempre relacionadas com o exemplo, com a imitação de um modelo: modelo do pai, do educador, do herói lendário, dos antepassados ilustres.

Os Gregos apresentam-nos o maior dos seus heróis, Aquiles, educado por um mestre, o centauro Quíron, o mestre por excelência de todos os grandes heróis. Os heróis tornam-se paradigmas, exemplos a seguir. O exemplo tinha um profundo significado pedagógico e as velhas lendas e tradições eram transmitidas oralmente de geração em geração. Por isso, Homero foi o grande educador dos gregos, a sua poesia era a fonte de toda a educação do jovem ateniense.

Do mesmo modo, Platão defendia que a poesia tinha um importante papel na educação:

- Em meu entender, Sócrates - disse ele - a parte primacial da educação de um homem é ser entendido em poesia. E isso consiste em ser capaz de compreender as palavras dos poetas, o que é bem feito e o que não é, saber distinguir e dar as suas razões a quem o interrogar.²

Mas, na mesma obra, Platão fala-nos também da educação dada pelos sofistas, os grandes mestres, e dos seus métodos:

- Os outros sobrecarregam os jovens. Quando estes procuram fugir de um tecnicismo excessivo, os sofistas forçam-nos a atirar-se a ele, ensinando-lhes o cálculo, a astronomia, a

² Protágoras, 338 e 339 a, in PEREIRA, Maria Helena da Rocha, *Hélade -Antologia da Cultura Grega*, Coimbra, ²1963.

*geometria e a música , ao passo que quem vier ter comigo não estudará mais nada senão o assunto que o trouxe cá.*³

E enuncia alguns dos princípios da educação antiga:

*Os mestres ... depois de elas [as crianças] aprenderem as letras e serem capazes de compreender o que se escreve, como anteriormente o que se dizia, põem-nas a ler nas bancadas as obras dos grandes poetas, e obrigam-nas a decorar esses poemas, nos quais se encontram muitas exortações, e também muitas digressões, elogios e encómios da valentia dos antigos, a fim de que a criança se encha de emulação, os imite e se esforce por ser igual a eles.*⁴

Também em Roma, na época clássica, Cícero (século I a.C.), que louva os mestres de oratória a quem muito deve, diz, no seu *De Oratore*, falando da formação do orador:

*Devemos também ler os poetas, conhecer a história, seleccionar e folhear os mestres e escritores das artes liberais e, para nos exercitarmos, louvar, interpretar, corrigir, vituperar;*⁵

Mas é desses métodos usados no ensino que se queixa Horácio, ao referir-se ao seu mestre Orbilius (*plagosus Orbilius*) que usava da força da *ferula* para os manter no estudo :

*Recordo o que, na minha infância, me dizia o brutal Orbílio das mil pancadas...*⁶

Já mais tarde, no século I d.C., Quintiliano repudia esses métodos violentos, condena os castigos corporais, próprios de escravos, e não apropriados para a educação de um espírito nobre. Pelo contrário, este mestre e pedagogo romano aconselha todo o professor a tentar conhecer muito bem os jovem que está a educar, a compreender a sua personalidade para a ela poder adaptar o seu método de ensino, um ensino individualizado, adaptado ao espírito de cada um em particular:

O mestre deverá saber de que modo deve tratar o espírito daquele que aprende: uns só estudam se forem obrigados a isso; outros ficam indignados se os obrigam; uns não reagem,

³ Protágoras, 318, ibidem.

⁴ ibidem.

⁵ Cícero, *Do Orador*, I, 34, in PEREIRA, M.H.da Rocha, *Romana - Antologia da Cultura Romana*, Coimbra,²1986.

⁶ Horácio, *Epist.*, II, 1, 70-71.

*por medo, outros ficam paralisados; o exercício repetido e prolongado é benéfico para uns, para outros é mais estimulante o ritmo mais rápido e exigente.*⁷

Com o cristianismo, esta educação clássica sofreu grandes alterações. Agora, o jovem não aprende por aprender, ele aprende para ler o Livro sagrado e nele começa a exercitar-se desde as primeiras letras.

Por isso, Santo Agostinho, que teve uma educação clássica tradicional, se lamentava mais tarde e criticava, também, os métodos seguidos pelos seus mestres e a inutilidade de tudo o que tinha aprendido, com os fastidiosos exercícios escolares:

Propunha-se-me uma tarefa de muita preocupação para o meu espírito por causa dos louvores e descrédito ou receio de ser açoitado: que dissesse as palavras de Juno encolerizada e cheia de dor por não poder "afastar da Itália o rei dos troianos". Bem sabia que Juno nunca proferira tal coisa, mas obrigavam-nos a seguir errantes, as pegadas das ficções dos poetas e a repetir em prosa o que o poeta cantara em verso.

*Que me aproveitou tudo aquilo?*⁸

Desde então, um longo caminho percorreu a educação e o ensino!

Novos conceitos foram sendo introduzidos, na "filosofia" do Mestre, nessa 'nobre missão' de ensinar aos mais jovens a experiência dos antigos, o saber acumulado ao longo de gerações.

Dando um pequeno-grande salto na história, e focando apenas a nossa, nacional, verificamos que só no século XIX vemos a missão de professor ser considerada uma profissão e ter uma intervenção estatal. No entanto, era bem humilde essa profissão, era bem pouca a preocupação das entidades oficiais com a formação daqueles que iriam iniciar nos estudos as novas gerações.

Júlio Dinis, por exemplo, em *A Morgadinha dos Canaviais* fala de um jovem professor, Augusto, a quem o conselheiro ajudou no concurso para o lugar que tinha ficado vago:

O conselheiro, a quem não fora impossível obter-lhe despacho vitalício, quis ver assim se, no fim dos três anos, o obrigava a abandonar tão laboriosa e mal recompensada carreira.

E, mais adiante, o narrador continua a referir-se-lhe deste modo:

... o pobre professor de instrução primária, sobre quem pesam os mais fastidiosos encargos da instrução...

⁷ QUINTILIANO, *De Institutione Oratoria*, I, 3, 6.

⁸ SANTO AGOSTINHO, *Confissões*, I, 17, ed. em português, Porto, 1984.

ou ainda:

... a maioria desses pobres-diabos, que, por noventa mil-réis anuais, se deixaram ligar à atafona do ensino primário da aldeia;

Também Miguel Torga recorda os seus tempos de escola primária e os 'métodos pedagógicos' do seu mestre:

O senhor Botelho erguia-se então da cadeira, descia o estrado, e ordenava em tom solene.

- Papel de trinta e cinco linhas. Ditado!

A esta palavra, a sala ficava silenciosa. (...)

Começava então a emenda, com a sua palmatoada, os seus puxões de orelha, a sua choradeira. (...)

De tarde a coisa piorava, por causa das chamadas à pedra.⁹

Já Sebastião da Gama, no seu Diário, nos mostra um modo diferente de lidar com os seus alunos, uma nova relação pedagógica:

"O que eu quero principalmente é que vivam felizes."

Não lhes disse talvez estas palavras, mas foi isto o que eu quis dizer. No sumário, pus assim: "Conversa amena com os rapazes." E pedi, mais que tudo, uma coisa que eu costumo pedir aos meus alunos: lealdade. Lealdade para comigo, e lealdade de cada um para cada outro. Lealdade que não se limita a não enganar o professor ou o companheiro: lealdade activa, que nos leva, por exemplo, a contar abertamente os nossos pontos fracos ou a rir só quando temos vontade (e então rir mesmo, porque não é lealdade deixar então de rir) ou a não ajudar falsamente o companheiro.

Não sou, junto de vós, mais do que um camarada um bocadinho mais velho. Sei coisas que vocês não sabem, do mesmo modo que vocês sabem coisas que eu não sei ou já esqueci. Estou aqui para ensinar umas e aprender outras. Ensinar, não: falar delas. Aqui e no pátio e na rua e no vapor e no comboio e no jardim e onde quer que nos encontremos.

Não acabei sem lhes fazer notar que " a aula é nossa ". Que a todos cabe o direito de falar, desde que fale um de cada vez e não corte a palavra ao que está com ela.

Sebastião da Gama, *Diário* (1958, 1.^a ed.)

De uma entrevista a Vergílio Ferreira, ouvimos o entrevistador, seu antigo aluno, dizer:

⁹ MIGUEL TORGA, *A Criação do Mundo*, I - O Primeiro Dia, Coimbra, 1937.

O Professor não sabia, não se lembrava do nº 26 daquela turma mal comportada do 11º ano do Liceu de Camões. Mas eu lembro-me bem dele: caminhava pelos corredores de mãos atrás das costas, ligeiramente curvado para a frente e era assim que entrava na sala, sem um sorriso, uma palavra, até que todos estivessem sentados e calados. Então começava a correcção do trabalho de casa e mais uma aula densa, fria, chata, cheia de gramática e apontamentos e perguntas a que nunca sabíamos responder. Uma vez por outra, chegava um 'ponto'. Uma vez por outra, uma aula sem matéria para dar, só com o professor tentando o diálogo, falando das árvores da Praça José Fontana ou de um livro que devíamos conhecer. Naquela turma não gostávamos muito do professor Vergílio Ferreira e comentávamos o facto de ser público - estava escrito na Conta Corrente - que ele detestava dar aulas. Detestei essa ideia e, tendo os seus livros em casa, comprometi-me a jamais lhes tocar.

Com isso se espanta o professor:

- É talvez a primeira vez que alguém dá essa ideia de mim, enquanto professor. Têm-me referido alguma austeridade, um homem de poucas palavras, mas a isso é contraposto sempre o professor afável e tolerante. Não me lembro de pretender ser rigoroso. Havia, é verdade, uma coisa que me incomodava muito, que era o aluno distraído, a conversar para o lado - mas sempre que o detectava, atribuía a mim a culpa, entendia que era uma deficiência, sentia-me vexado, diminuído. A minha reacção nunca era castigar - mas dizer coisas que interessassem o aluno, tentar segurá-lo e captar-lhe a atenção.

(Pedro Rolo Duarte, Revista K, Abril, 1991.)

E desde então, quantas mudanças, quantos concertos e desconcertos na vida de um professor, na sua tarefa, profissão, missão de ensinar e “levar a ver”!

Muito haveria a dizer sobre o nosso tempo, os tempos de hoje, sobre as mudanças, os conceitos, sobre o que se entende por “ensinar”, por “aprender”. Seriam outras reflexões, outros estudos.

Podem, porém, mudar os tempos, os conceitos, as palavras, “professor” será sempre “aquele que se entrega” à mais maravilhosa de todas as artes, a arte de “ensinar”, de “levar” os mais novos “a ver”, a conhecer o mundo, do presente e do passado, a reflectir sobre o que vê e o que pensa, para fazer, em consciência, com autonomia, com conhecimento e liberdade, a sua caminhada no mundo.

É muito importante não nos esquecermos disto!

Isaltina Martins (Maio de 2023)

“porque o passado é presente”

É privilégio da poesia, é um dom concedido pela Musa: dar voz ao que sentimos, fixar na palavra as emoções, os sentimentos, os pensamentos e reflexões. Deixemos falar o poeta:

Canção Mediterrânica

Já
tudo vimos tudo provámos tudo escutámos
(odes à vitória por Píndaro
vinho e azeite extraordinários) nas
encostas onde Zéfiro traz às velas desde oeste
um cheiro húmido e
gelado. Eis a acrópole de Lindos (que
os deuses abandonaram) um
templo que Fídias amou e onde ao tempo
cabe ainda o trabalho de
um grande escultor. Agora é a vez de deixar
que seja o mar a tocar-nos (o
mar interior primitivo
o caldo primacial)
ontem rasgado por remos da Fenícia até
Cartago. Este é o mar de Ulisses (o
que Xerxes vergastou) um mar que
não é passado
(porque o passado é presente) onde o
tempo passa lento porque avança parado
como gatos nas ruínas (matando
tempo
com tempo) golpeando com a cauda inimigos
imaginários.

João Luís Barreto Guimarães, *Poesia Reunida*, Quetzal, 2023.

E o poema diz tudo. Transporta até ao presente todo o passado que fomos, um passado que não morreu totalmente, pois, como dizia Horácio, o príncipe dos poetas da Antiguidade, o poema é “um monumento mais duradouro que o bronze” que nada conseguirá destruir, “nem a chuva voraz”, “nem a fuga do tempo”, “nem a inumerável série dos anos”.

Hoje, é esse passado-presente que procuramos, não o deixando esquecido, como membros de uma família que não corta os laços que entre si se estreitam, que assinala, com orgulho, o seu lugar na árvore da geneologia. E essa árvore do tempo, essa civilização do presente, tem raízes profundas, raízes que a terra não cessa de alimentar. Sopram os ventos, sobram os cataclismos, da natureza ou da incompreensão do homem, a árvore secará, se não for regada, se

mãos carinhosas não a ampararem para que possa resistir às intempéries, para que não sucumba. Podem as estações fazer os seus estragos, os ventos invernais levar as suas folhas, os frios gelados endurecer os seus ramos, mas lá virá a renovadora Primavera, as folhas crescerão com um viço nunca antes visto, deslumbrando o nosso olhar como se fosse o primeiro.

É assim a natureza e a vida. É assim a civilização dos Homens, a cultura, a nossa cultura ancestral, o nosso passado remoto, que nos identifica, que nos define, que nos concede uma individualidade e que devemos sempre acarinhar, tratar, renovar, para que não se perca, não morra na segura do abandono.

E as nossas raízes, a força que alimenta a nossa árvore civilizacional estão nesse passado, na cidade que se tornou império, nas cidades-estado que se projectaram pelo mundo, quer pelo próprio pé, quer levadas por aqueles que as adoptaram, carregando a sua língua e a sua cultura a um território imenso que “o mar interior primitivo” não impediu de caminhar até ao oceano mais além.

Então, como diz o poeta, nesse passado vemos tudo, porque já tudo foi dito e feito. Não tenhamos a vaidade de “inventar”, nada parte do nada, tudo o que fazemos hoje já alguém, lá bem longe, tinha pensado e iniciado, só temos que continuar e preservar.

Isaltina Martins (Maio de 2023)

LIVROS A NÃO PERDER:

- Andrea Marcolongo, *A Lição de Eneias*, Edições 70, 2023
 - Isaltina Marins, *Viajando pelos Livros. Da Leitura à Memória*, Associação de Professores de Latim e Grego, 2023 (reimpressão)
 - Jennifer Saint, *Ariadne*, Minotauro, 2022.
 - Jennifer Saint, *Electra*, Minotauro, 2023.
 - Madeline Miller, *O Canto de Aquiles*, Minotauro, 2022.
 - Natalie Haynes, *O olhar de Medusa*, Ed. TopSeller, 2023.
 - Robert Harris, *Imperium*, Ed. Presença, 2023.
 - Robert Harris, *Lustrum*, Ed. Presença, 2023.
- (2 volumes de uma trilogia sobre a vida de Cícero)